

## **OS LIMITES DA RECRIAÇÃO DE JEAN LAPLANCHE: UM ENSAIO SOBRE O PAPEL DA CONCEPÇÃO HERMENÊUTICA NA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA.**

*Ney Branco de Miranda*  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**RESUMO:** Este trabalho visa discutir a concepção de interpretação de Jean Laplanche, sua proposta de revisão da postura realista e hermenêutico-criativa do conteúdo psíquico a ser interpretado. Assim como sua crítica ao paradigma histórico quando aplicado à psicanálise. Laplanche, a partir de sua 'Teoria da Sedução Generalizada', desenvolve os conceitos de mensagem, tradução e contexto. Com vistas a qualificar a especificidade do material psíquico inconsciente a ser interpretado. Desde um ponto de vista hermenêutico, basicamente gadameriano, buscamos empreender a crítica da conceitualização laplancheana e tirar algumas conseqüências relativas ao conceito de interpretação, aproximando-as do texto de Freud.

**Palavras-chaves:** Psicanálise; Interpretação; Hermenêutica.

## **LIMITS IN JEAN LAPLANCHE RECREATION: AN ESSAY ON THE ROLE OF HERMENEUTICAL CONCEPTION IN PSYCHOANALYTICAL INTERPRETATION.**

**ABSTRACT:** This work aims at discussing the concept of interpretation by Jean Laplanche, his proposal to review the realistic and hermeneutically creative position related to the psycho content to be interpreted as well as his criticism on the historical paradigm when it is applied to psychoanalysis. Based on his 'Generalized Seduction Theory' Laplanche develops his concepts about messages, translation and context, intending to qualify the unconscious psycho material to be interpreted. From an hermeneutical point of view basically 'gadamerian', we search to start the criticism to Laplanche conceptualization related to the concept of interpretation coming near to Freud's text.

**Keywords:** Psychoanalysis, Interpretation, Hermeneutics

***"Em certo sentido, talvez o mais profundo, somos nós mesmos que determinamos as influências a que nos submetemos..."***  
***Alexandre Koyré.***

A mais importante das intervenções de Jean Laplanche no debate sobre a qualificação da interpretação psicanalítica, publicada no início dos anos 90, tem uma riqueza de articulações conceituais e implicações clínicas que exige um consideração cuidadosa.

Desde a Segunda metade da década de 80, época da consolidação da sua Teoria da Sedução Generalizada - cujo escopo é mais amplo do que a questão à qual nos dedicaremos aqui - Laplanche vem se dando os meios para fixar lineamentos de fundamentação para a psicanálise. É neste contexto que devemos inscrever as suas concepções sobre a interpretação psicanalítica: a recuperação e crítica que ele fez de algumas das formas de concebê-la, encontra-se em "A interpretação entre hermenêutica e determinismo" (1992), texto ao qual vamos nos dedicar.

Laplanche aponta para dois pontos de vista que presidem o pensamento psicanalítico sobre o assunto, ambos capazes, segundo ele nos adverte, de serem sustentados por meio de textos de Freud.

Um primeiro foco seria partidário da crença de que a neurose se apresenta como uma 'doença da memória' e supõe que haja uma história efetiva que foi de fato perdida. A interpretação psicanalítica teria por objetivo, neste caso, o resgate da memória que dá acesso à história real que estava impedida de ser conhecida pelo sujeito, justamente em função da lacuna existente. Laplanche denomina esta concepção de interpretação de realista. Do ponto de vista temporal,

ela é retrograda ou, como ele nos diz, "uma fuga para o passado" (Laplanche, 1992 : 326).

O outro modo de conceber a interpretação faz parte daquilo que Laplanche toma genericamente como uma vertente "hermenêutico-criativa". Segundo ele, esta corrente encontra suas origens na interpretação anagógica de Jung, o primeiro a ter flertado com a hermenêutica tradicional. Após Jung e Silberer, mas tomando um caminho de todo próprio, encontramos na língua francesa Ricoeur, que dá um tratamento ampliado à incorporação da psicanálise como uma hermenêutica, e, mais recentemente o trabalho, também marcado por traços próprios, de Viderman (1990). Para Laplanche, o marcante nesta posição é a idéia de que não devemos falar em realidade da história, mesmo individual, posto que os objetos que são apreendidos por um olhar "retrospectivo" são somente construções. Deste modo, não se trata de tentar reproduzir, por meio das interpretações, um passado que estaria em algum lugar fixado, mas sim de organizar inventivamente algo que ocupa o lugar do passado e projeta sentido no material que foi interpretado. Tratar-se-ia de uma interpretação que, dá ótica temporal, lança mão de um movimento progressivo.

Para os propósitos de apresentação da perspectiva de Laplanche, esta rápida esquematização das posições realista e hermeneutico-criativa já é suficiente para fazer ver o ponto nevrálgico que para ele ambas posturas compartilham. Uma certa visão de história, ou melhor, "para dizer as coisas simplesmente, a ilusão maior é aqui a comparação com a história dos historiadores, a historiografia. Mais que ma comparação, é mesmo a tentativa de aplicar à psicanálise um modelo epistemológico relevante a um domínio totalmente diferente" (Laplanche, 1992:388). De um lado, para o realista, um modelo fatural positivista; de outro, para a orientação hermenêutica, representada aqui sobretudo por Viderman, um

quadro categorial baseado numa leitura entusiasta e pouco elaborada da nova história moderna a partir da qual se estabeleceu a pretensão de poder estender os métodos de construção do objeto histórico, para a construção e interpretação em psicanálise. É importante para nossos propósitos apontar o fato de que Laplanche apresenta a relação hermenêutica com a história de um modo restrito que, em última análise, pode conduzir a equívocos. Uma caracterização satisfatória desta relação não passa de afirmação simples e pura do relativismo e suas variantes em oposição ao realismo ingênuo de cunho positivista, como ele assume indiretamente ao fazer coincidir um modelo de história "moderno" à posição atribuída por Videman. A questão desta relação tem, sem dúvida, um difícil tratamento devido à amplidão temática e penetração conceitual que lhe é própria. Não obstante, uma passada de olhos pelas principais obras de tradição hermenêutica deste século, incluindo aí os trabalhos mais recentes, é suficiente para comprovar a redução levada a cabo por Laplanche. É desnecessário lembrar o quão distante as obras de Heidegger e Gadamer estão de um preocupação metodologizante e o quanto, para estes autores, a questão da historicidade e da temporalidade assume um caráter ontológico. Assim sendo, a via descritiva de Laplanche no que respeita à caracterização em questão, e no contexto que estamos considerando, é bastante incompleta.

Mas enfim, este é, em grandes linhas, o recorte de Laplanche, que questiona a validade mesma do recurso ao campo da história para a constituição do conceito de interpretação em psicanálise. A superação do paradigma histórico que ele vai empreender inicia sua marcha pela via de um recurso: a consideração contrastada do fazer arqueológico de hoje com as exigências impostas pela reflexão de Freud, cujo pensamento se amparou, em certos momentos, numa arqueologia fantástica, modo de extrapolação conceitual várias vezes utilizado em

sua obra. É a consideração deste plano que vai permitir consolidar a passagem do registro da fatualidade, que se presentifica supostamente no acontecimento, para um outro ao qual, como veremos, Laplanche quer emprestar um importante papel teórico e clínico.

Cabe inicialmente reter da descrição feita por Laplanche da arqueologia moderna o fato de ela não ser, sobretudo, movida pela busca dos objetos materiais, como era o caso de sua antecessora, de diversos modos fascinada pelo papel da presentificação visual do passado; pelo contrário, para a arqueologia atual, é na constituição de campos de relações, onde diferentes tipos de registros são pertinentes, que o trabalho do arqueólogo visa estabelecer suas diversas objetivações. São as relações que se materializam nestes diversos planos que compõe a ordem temporal com que lida o arqueólogo e isso implica, quase que imediatamente, uma ligação com a historicidade que lhes é subjacente. Por essa razão, fica claro, não é a preservação do objeto que é visada, mas sim a trama histórica que pode ser reconstruída.

É desde este conjunto de considerações que Laplanche vai fazer, de acordo com o seu projeto mais acalentado, trabalhar Freud; vai buscar estipular o fator movente que permanece vivo em seu texto. E este não tem nada a ver com uma história de historiador transposta para o indivíduo, nem com a história subjacente ao trabalho arqueológico, seja ele moderno ou pós-moderno. O que Freud visa "é uma espécie de história inconsciente, ou antes, de sua gênese" (Laplanche, 1992 : 396).

Nosso autor vai mostrar como - ao contrário de um modelo histórico simplificado, onde um certo acontecimento deixa marcas documentais, ou como é o caso no sítio arqueológico, deixa registros relacionais históricos - os elementos que a psicanálise visa atingir, podem ser tomados como momentos importantes,

onde alguma coisa deixa um traço, não obstante apresentem uma particularidade que os diferencia dos referenciais histórico de tipo objetivista.

Laplanche acredita que não podemos nos ater à questão da busca por uma cena original, busca que na verdade é o afã de encontrar um evento objetivo. "A realidade da ordem dos acontecimentos pode ser vinculada em noventa por cento sem que nada seja mudado em seu efeito traumático"(Laplanche,1992 : 397). Surge então aqui, com clareza, a necessidade da interpretação e ampliação conceitual a partir do texto de Freud.

Qual é o caminho a ser tomado? Laplanche vai recorrer à fantasia freudiana de Roma: "Permita-me agora, num vôo da imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante - isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última. Isso significa que, em Roma, os palácios dos césares e as Septizonium de Sétimo Severo ainda se estariam erguendo em sua antiga altura sobre o Palatino e que o castelo de Santo Ângelo ainda apresentaria, em suas ameias, as belas estátuas que adornavam até a época do cerco pelos godos, e assim por diante. Mais do que isso: no local ocupado pelo Palazzo Caffarelli, mais uma vez se ergueria - sem que o Palazzo tivesse de ser removido - o Templo de Júpiter Capitolino, não apenas em sua última forma, como os romanos do Império o viam, mas também na primitiva, quando apresentava formas etruscas e era ornamentado por antefixas de terracota... E talvez o observador tivesse apenas de mudar a direção do olhar ou a sua posição para invocar uma visão ou a outra.". Apresentada em "O mal-estar na Civilização", Freud criou aqui um modelo para aquilo que ele confirma existir constantemente em suas investigações clínicas: "...a sobrevivência de algo que já

se encontrava originalmente lá, lado a lado com o que posteriormente dele se derivou..." (Freud, 1930 : 86). Laplanche encontrará neste texto inspiração para desfazer um pouco mais a relação objeto-acontecimento-história e tematizar seu próprio ponto de partida. Deste modo, o exemplo de Freud mostrará que há "um objeto que não é somente coisa, mas que encerra nele os tempos de sua construção, os afetos que ele provocou e sem dúvida mais ainda, como nós começamos a pressentir" (Laplanche, 1992 : 401).

Esta "invenção" nos informa que o tempo, segundo pensa Laplanche, foi apresentado como uma quarta dimensão do espaço, ou seja, o "espaço mental inconsciente", lugar onde as representações encontram sua configuração, traz a temporalidade como uma determinação intrínseca. A recuperação feita do vôo imaginário de Freud - viagem que para Laplanche consolida uma "hiperarqueologia" - tem como resultado mais geral desfazer a relação externa entre acontecimento e registro histórico de modo a fazer com que o tempo, separados dos aspectos inessenciais da duração, possa habitar o coração da representação, pois ela, então, não é senão a composição de conteúdos que a temporalidade alinhava em seu corpo. Decorre deste ponto a reinterpretção da noção de traço como substituto do conceito de memorização trivial, posto que nesta funciona como uma pseudo objetividade já que a memória estaria organizada de um modo relacional que tende ao objetivo. A questão da temporalidade retornará quando for plenamente desenvolvido o conceito de interpretação. Guardemos os resultados até aqui obtidos e aguardemos o momento para retomar esse problema.

O desenvolvimento da indicação de Freud, a partir do qual Laplanche encontra-se em condição de afirmar que o conceito de inconsciente não deve ser

pensado como uma forma especial de memória, vai ser levado a cabo por meio da análise de "Bate-se em uma criança".

Das três etapas apresentadas por Freud nesse trabalho, é para a explicação da fantasia inconsciente, segunda etapa, que as nossas atenções devem ser dirigidas. Laplanche vai introduzir o seu conceito de mensagem com vistas a perfazer sua nova interpretação do texto de Freud. Recapitulamos os três planos propostos por Freud: 1) Meu pai bate em uma criança; 2) Meu pai me bate; 3) Uma criança está apanhando. Como é sabido, o segundo estágio é tido como a fantasia propriamente inconsciente, mas ao primeiro Freud não atribui um papel inteiramente definido, ficando em dúvida se o qualifica como a fantasia propriamente falando ou como lembrança formada de uma miríade de impressões vividas. Para Laplanche o que vai importar é indicar que, diferentemente da busca de realidade que presidia a pesquisa pela cena original no "Homem dos Lobos", aqui parece que o mundo das vivências é privilegiado e, tendo-se em vista que Freud nomeia, a certa altura, o segundo momento de fantasia original, podemos aceitar como decorrência lógica que existem fantasias originais que não são fruto de circunstâncias definidas filogeneticamente, mas sim "produto de um processo individual" (Laplanche, 1992 : 402).

Aqui entra em jogo o forte da teorização de Laplanche. Sua tese, aplicável ao primeiro momento descrito por Freud, é que "as cenas infantis, aquelas das quais se ocupa a psicanálise, não tem importância senão pela mensagem que elas liberam" (Laplanche, 1992 : 404).

Para Laplanche, trata-se de pensar o acontecimento - que o pai bate em uma criança - como o endereçamento de uma mensagem subsidiada por um contexto: o ódio que a criança que assiste a cena tem por aquela que apanha. Supondo que o pai sabe desse ódio sentido, ou seja, apreende o contexto



emocional do filho, surgiria a confirmação de que está em jogo uma mensagem. "O 'que eu odeio' não é o elemento fatural, perceptivo, da cena. É um elemento *contextual*. Não pertence a um ou a outro dos protagonistas, mas é seu segredo ou seu tesouro comum. Que eu odeie o irmão ou irmã menor e que *sabendo disso meu pai bate neles diante de mim, isso confirma bem que ele me dirige uma mensagem*. Volto agora à Segunda adição, que Freud vai incorporar àquilo que ele chama de primeiro estágio; 'meu pai bate no irmão ou irmã menor/ que odeio/ ele só ama a mim! Ainda menos que a primeira adição, esta aqui não faz parte do percebido. Adiantemos, com toda a segurança, que se trata de uma interpretação, ou mais exatamente, de uma *tradução* feita outrora pelo "ego" e reconstruída na análise" (Laplanche, 1992 : 406).

Laplanche toma esta decorrência de sentido, sejamos enfáticos, como uma tradução e não como uma interpretação feita pelo espectador da cena. Assinala também que a mensagem que foi traduzida não advém de uma mera percepção - pela materialidade do que foi visto - e que a tradução não deve ser entendida como um processo intelectual posto que ele incorpora desde sempre uma marca afetiva

Aqui julgamos aparecer algumas dificuldades que queremos apontar no pensamento de Laplanche. Ele justifica a opção pelo termo tradução mostrando-se temeroso da extensão demasiadamente larga do termo interpretação e das "facilidades" hermenêuticas que ele oferece. Como se a hermenêutica também não fizesse um forte uso da noção de tradução; mas, enfim. Veremos logo o que decorre desta posição.

\*

Antes de refletirmos sobre os problemas ligados ao conceito fundamental de tradução, vamos dedicar alguma atenção a uma outra questão que é prévia.

Laplanche toma o ódio como elemento contextual, que, como indicamos, "não pertence nem a um nem a outro protagonista, mas é o seu segredo ou seu tesouro comum". Como entender o termo contexto? Se estamos lidando com uma mensagem e seu contexto, uma abordagem baseada na pragmática lingüística pode ajudar a organizar alguns parâmetros de análise. Mas aí, já num primeiro plano, surge um problema conceitual. Pois, quando se busca afirmar, mesmo matizadamente, como o fez Laplanche, que algo funciona como contexto sem ser compartilhado propriamente pelo emissor ou pelo destinatário de uma mensagem, surge uma incongruência. O contexto deve, quando se trata de uma mensagem - façamos o nosso raciocínio com a linguagem falada, mas na certa de que é legítimo estendê-lo a outras linguagens - ser tomado como algo que por sua presença efetiva vem modificar o sentido suposto normal, lexical, do que foi dito e, por extensão, feito ou retratado por meio da linguagem. É a presença deste contexto que permite a intelecção da modificação de sentido, a modulação sêmica, encontrada na mensagem. Não devemos, o que foi afirmado parece justificá-lo, considerar o conjunto das pressuposições fechadas que organizam a apreensão de uma determinada cena veiculada num espaço molecular, como é o caso em questão - até uma pragmática semioticamente alargada parece indicar para isso - como o contexto no qual ela foi realizada e/ou recebida. Do ponto de vista pragmático - pelo menos se levarmos em conta um autor tão importante quanto Grice - as pressuposições fazem parte do contexto dos proferimentos de fala só quando compartilhadas pelos participantes de uma situação lingüística concreta e este compartilhamento dificilmente pode ser descrito como um não pertencimento.

Se o ódio não deve ser entendido como contexto, como entendê-lo, então? Em nossa opinião, uma via promissora é tomá-lo radicalmente como centro

das pressuposições que avançam por sobre o evento, instituindo uma compreensão interpretativamente, ou seja, dentro de um dos parâmetros estabelecidos pela hermenêutica para a produção de sentido.

Claro, o leitor avisado já deve ter pensado a hermenêutica contemporânea - por exemplo, na figura de Gadamer - responde a preocupações teóricas mais amplas das que envolvem a reflexão de cunho psicanalítico, advindas sobretudo dos domínios da arte, história e linguagem. Mas, é bom não esquecer, há uma verdadeira aspiração à universalização dos resultados de suas investigações presente em seus trabalhos. Aparte isso, não é do nosso interesse utilizar os conceitos advindos da hermenêutica alemã como uma camisa de força, como uma doutrina que se sobreponha à psicanálise, mas sim usufruir deles desde um ótica que nos permita reconstruir algumas categorias e orientar heurísticamente a investigação psicanalítica. Além do mais, um dos traços fundamentais da hermenêutica contemporânea, a concepção da antecipação da compreensão de Heidegger, círculo hermenêutico que aproxima a interpretação e compreensão, possui na sua nascente uma grau de universalidade já instituído ao qual devemos ficar atentos como psicanalistas.

Deixe-nos ampliar um pouco as considerações sobre este campo teórico com vista a clarificar o ponto de vista que queremos desenvolver. Para Heidegger, a compreensão aparece como uma das estruturas fundamentais e originárias do ser humano; uma das dimensões constitutivas do Dasein e a interpretação opera como desdobramento desta instância antepredicativa que é própria do homem. Como Gadamer soube notar, "para Heidegger, compreender, a compreensão não é só um ideal do conhecimento no qual deveria resignar-se o espírito que envelhece - como para Dilthey - nem um ideal de método para a filosofia, como para Husserl. Ao contrário, o compreender é a forma original de realização do estar-aí humano,

enquanto ser-no-mundo" (Gadamer, 1993 : 72). O termo "realização" empregado nesta passagem indica para uma efetividade própria do homem: o ser humano realiza-se como compreensão; o modo pelo qual esta abertura se põe é interpretação. "A interpretação de algo, como algo, tem seus fundamentos essenciais no «ter», «ver», «conceber», prévios. Uma interpretação jamais é uma apreensão de algo dado levada a cabo sem pressuposição" (Heidegger, 1982 : 78). A forma como Gadamer recupera esta passagem - trabalho importante para nós - inserindo-a numa problemática concreta, é a seguinte: "a estrutura existencial de 'pro-jectil-lançado', fundante da compreensão como operação significativa do estar-aí, é a estrutura que se encontra também na base da compreensão tal como se efetua na ciências humanas". (Gadamer, 1993 : 78).

Assim, talvez agora fique mais claro o argumento de que a interpretação é dada como presença na pressuposição, naquilo que avança por sobre o dado, no nosso caso, a cena.

Não se trata, portanto, de gastar nosso tempo em uma querela terminológica. Há um verdadeira interpretação em jogo, tal como a define a hermenêutica de Gadamer. Na realidade, a antecipação do sentido que o exemplo de Freud nos oferece está nos moldes da pré-compreensão e, pelo contrário, o conceito de contexto tende a conduzir em direção a uma pseudo pragmática que não está em condições de dar o que o próprio Laplanche poderia querer dela. Ele parece querer fugir do conceito de interpretação, mas não consegue fazê-lo, muito embora, poucas linhas antes de definir o processo como tradutivo, Laplanche fale em proto-interpretação. O ódio, no plano de leitura proposto por Laplanche, e que nós buscamos resgatar de nosso ponto de vista constitui, desde a ótica da criança, o avanço de sentido que enfeixa o ato do pai como uma mensagem: é em razão do ódio que avança sobre a cena do espancamento que o suposto ato é interpretado

como significando algo. É ele que sintetiza o aspecto perceptivo em um todo significativo emocional.

Estaríamos dando relevo, podemos nos perguntar, a um ponto inessencial, esquecendo que a chave da particularidade conceitual não está no termo contexto, mas na idéia mesma de uma tradução? Tentemos progredir na ordem dos conceitos mobilizados.

Novamente encontramos, então, razões para acreditar que está havendo alguma confusão e que Laplanche afasta um paradigma teórico rico sem substituí-lo satisfatoriamente. O que é traduzido, segundo ele, "é uma mensagem, um significante ou uma seqüência de significantes. Para que haja uma tradução é preciso que alguém tenha querido *dizer* alguma coisa" (Laplanche, 1992 : 407). Antes de comentarmos esta passagem, é necessário juntar a definição de significante que Laplanche reconhece: "representa alguém (o sujeito diz Lacan) para um outro; é o que podemos ainda nomear de aspecto «adress» do significante" (Laplanche, 1992 : 407). Vemos que Laplanche, na realidade, opera uma modificação na definição *Standard* de Lacan, muito mais formal, onde o significante representa um sujeito para outro significante, e que ele parece estar interessado apenas no traço de representação - entendido como presença significativa - do outro que o significante institui para alguém, o que de um certo modo embute a idéia de um 'querer dizer algo' no interior na própria estrutura do significante. Mas, neste caso, não é estranho falar em tradução ao invés de compreensão, conceito irmão de interpretação para a hermenêutica? Num primeiro plano de análise, não há propriamente falando, uma outra linguagem em pauta da qual se busca encontrar um correspondente na linguagem de base (a da criança) - isso para falar nos termos de uma teoria não hermenêutica da tradução -, mas sim uma suposta mensagem que necessita ser entendida: O que significa o

amor do pai que foi antecipado pelas emoções do filho? O fato de Laplanche qualificar esta mensagem a ser supostamente traduzida de enigmática ou comprometida com o inconsciente do pai emissor, que ultrapassa no seu dizer aquilo que pretende, somente vem dificultar as coisas. Laplanche não está falando na possível polifonia intrínseca à mensagem, ele afasta liminarmente este prisma de análise, mas de um ultrapassamento real, que se dá em função do inconsciente paterno.

Vejam como ele concebe essa mensagem a ser traduzida. "Enfim, o pai não sabe completamente o que ele diz (*grifo nosso*) muitas outras coisas, como: 'amar, é bater, violentar, fazer o coito, por exemplo, como eu faço com tua mãe... e isso, não somente genitalmente, mas também analmente; pois como se pode violentar de outra forma uma pequena criança, etc.'" (Laplanche, 1992 : 408). Entendemos bem o que se passou? Laplanche parece que, de um só golpe, retirou todo o conteúdo pelo 'receptor' e depositou-o somente nas mãos do emissor, ou melhor, no inconsciente do emissor, que se tornou o momento decisivo, o mentor principal da passagem. Toda a variação suposta do conteúdo, pois para Laplanche o pai diz *mais* do que quer dizer, já vem potencialmente pronta do inconsciente do pai, como um pacote em direção à criança, que então deve lidar com esse embrulho do inconsciente paterno.

"Confrontado com essa mensagem enigmática, mensagem comprometida por múltiplas ressurgências inconscientes, a criança traduz o melhor que pode, com a linguagem da qual dispõe" (Laplanche, 1992 : 408). Aparte a dificuldade que existe em supor um inconsciente para poder fundar a existência de outro inconsciente - negar essa regressão ao infinito não significa negar a influência de um inconsciente sobre o outro, mas apenas negar o que esse recurso possa a ser pensado como fundante - percebe-se porque Laplanche, insiste em "tradução"

rompido o vínculo interativo no momento determinante na constituição do sentido - vínculo que a hermenêutica qualifica como original - só lhe resta pensar numa estranheza excessiva da mensagem, desvinculada do aporte interpretativo primário do 'receptor', posto que este só colabora, aos olhos de Laplanche, no resto de deciframento de uma mensagem ela mesma inteiramente formada e contendo, nela mesma, todo o conjunto do campo do enigma. Não há saída possível. A lógica, se assim podemos dizer, dá cena comunicativa que Laplanche isolou chama constantemente para uma leitura que respeite o parâmetro hermenêutico e muitos dos momentos difíceis de seu texto decorrem dessa espécie de fobia, da qual ele parece sofrer.

Para Laplanche, a tradução da mensagem enigmática será "muito exatamente o texto falado-vivido-sentido: 'meu pai não ama esta outra criança, ele só ama a mim'" (Laplanche, 1992 : 408), frase chave que Freud coloca no lugar do sentido desdobrado da primeira fase da fantasia, aquela que mantém uma provável ligação com o campo experiencial. Correlativamente, a fantasia inconsciente será o produto daquilo que a tradução não conseguiu dar conta, "o aspecto obscuro da mensagem, segundo o qual, se ama, sexualmente falando, batendo e violentando" (Laplanche, 1992 : 408), ou seja, aquilo que está por baixo da Segunda fase que foi reconstruída na análise e que surge nos derivados do inconsciente.

É interessante notar como ficou afastada, também neste segundo momento, uma leitura que realce justamente o papel ativo da linguagem, numa acepção ampla da palavra, de que dispõe a criança: a criança é apenas alguém que faz o que pode com a mensagem adulta. Este caso de Freud parece mostrar pelo contrário, assim o pensamos, numa linguagem marcada pela violência, em última análise, usando-se a linguagem de Freud, uma linguagem marcada pela analidade, parametrada pelo masoquismo: este é o problema propriamente psicanalítico que

herdamos, definir essa marca que é impingida à linguagem pela sexualidade da criança. Mas, em Laplanche, a violência foi reputada somente pelo polo da emissão enigmática do adulto. Damos atenção a este fato pois, se queremos seguir ao menos um pouco o roteiro explicativo freudiano devemos considerar que é o recalçamento da relação incestuosa com o pai, tanto no caso feminino como no masculino, que conduz pela via da regressão a um patamar onde, no caso feminino, o masoquismo é substituto regressivo, nos termos de Freud, para a relação amorosa com o pai e, nos casos masculinos, é a forma passiva mesma da relação da relação amorosa com o pai.

Caso desejemos apreender esse complexo relacional em termos de linguagem, como propõe Laplanche, devemos, em nossa opinião, entender que a regressão dá forma a uma matriz que funciona como suporte das interpretações que possam ser feitas do processo relacional e que consolidam a fantasia inconsciente.

Assim - para que possamos sintetizar o que se passa no primeiro estágio da fantasia - com base em um patamar de sentido estabelecido pela experiência, onde, como nos diz Freud, "ser espancado é uma privação de amor e uma humilhação" (Freud, 1987 : 234), a criança de posse de seu ódio, ou seja, vivendo o mundo desde ele, toma um eventual espancamento presenciado como de que seu pai a ama, posto que este como que confia a lógica dual, tantas vezes tratadas por Freud, na qual a criança e seu antagonista estão situados. É em razão deste seu ódio dirigido que esta humilhação, de resto indiferenciada, pode surgir como uma sentido que emerge da cena. Deste modo, a criança não traduz uma mensagem já dada, mas é sua tendência interpretante que lança-a num campo de sentido onde algo surge então, como que retroativamente, como a ela pertinente. Daí o movimento de antecipação de sentido ser o fundamento do processo que estamos



analisando. Somente devemos completar a caracterização de uma tal antecipação com o quadro categorial que a psicanálise nos propõe de modo decisivo: a pulsão e a emoção como parte integrante do corpo coberto pelo círculo hermenêutico: a criança deseja o pai e quer o seu amor retribuído.

Neste momento da lógica relacional-interpretativa, mas não em função dela, como indica Freud, inicia-se o processo de recalçamento da relação incestuosa com o pai: ela não pode ir adiante. Ocorre, então, a regressão que lhe é característica. Com ela, a modificação do esquema antecipativo armado pela emoção. Podemos até dizer que a regressão é o abandono de um esquema por outro. Eis, então, a fantasia inconsciente produzida. Freud explicita do seguinte modo seu pensamento, no que diz respeito ao caso feminino, o que ilustra a nova posição resultante do ciclo interpretativo: "'o meu pai me ama' queria expressar um sentido genital; devido a regressão, converte-se em 'o meu pai está me batendo (estou sendo espancada pelo meu pai)'. Este 'ser espancada' é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor genital. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo" (Freud, 1987 : 237).

Este ponto de vista esclarece o fato de que existe, na psicanálise de Freud, a possibilidade de buscar uma verdadeira fusão entre o plano linguístico-interpretativo e o plano propriamente libidinal, representado teoricamente pela onda de sentido que emana da pulsão que é atualizada em uma determinada posição ou fase. Assim, o amor recalçado é capturado e desenvolvido em outro plano: na lógica sêmica inerente à fase anal onde a relação com o pai é realizada pela zona erógena correspondente. Deste modo, em nossa posição, não se trata, na

junção entre amor e violência, de "um lado obscuro da mensagem" do pai, como pretende Laplanche, mas de um desdobramento complexo de interpretação avançada pela criança devido à vicissitude pulsional.

Feita esta reconstrução crítica, quais são as conseqüências da postura que estamos procurando delinear, da correção de rota que tentamos estipular, frente às idéias de Laplanche no que respeita à interpretação, tema maior do estudo que estamos comentando? Vejamos, para finalizar, a posição que ele toma sobre o tema.

Segundo a teoria desenvolvida por Laplanche, a interpretação psicanalítica tem por fim "permitir uma auto construção mais englobante, menos sujeitada ao 'não traduzido'. Isto, não pelo meio de um levantamento da amnésia, mas por uma desconstrução das construções antigas, correlativas de um levantamento, parcial, das repressões" (Laplanche, 1992 : 411). A reconstrução não se dá, portanto, no plano do evento ocorrido, mas sim no nível de um certo "processo que inclui a mensagem, a tentativa de tradução da mensagem, e o que foi deixado cair por essa tradução" (Laplanche, 1992 : 414).

Parece que isso patenteia a ausência de considerações que encampem a posição pulsional, vale dizer, sexual que avança hermeneuticamente sobre o material com o qual a vida do indivíduo se confronta. Este fato impede a apreensão da posição emocional adequada desde a qual o *sentido* do que é experimentado se consolida. A interpretação, no universo de Laplanche, parece ter um papel desconstrutivo passivo, não levando em conta a base da atividade de compreensão e interpretação: perde-se com isso, tanto o círculo hermenêutico que constitui o fator a ser interpretado, quanto a capacidade de inventar novos pólos organizadores de sentido que a posição do analista, pela transferência, pode induzir.

Se desejássemos usar o termo "auto-construção", de Laplanche, deveríamos, então, acrescentar que ela não é apenas intelectual, mas sim sexual e emotiva e, em função disto, *ativa*. Eis por que a interpretação em psicanálise não visa um real do passado, mas introduz, pela escuta do mesmo, um novo ponto de apoio sexual-emotivo que permite ao sujeito, por sua vez, uma nova posição apreensiva do presente e do futuro, distanciada daquilo que em seu passado perdura como repetição.

Perceber que nós estamos condenados a avançar compreensivamente sobre o que se oferece a nós e fazer disso uma experiência é, ao mesmo tempo, perceber que podemos avançar de novo. Eis a razão pela qual a experiência analítica está penetrada sempre pela dimensão ética.

### **Referências Bibliográficas:**

FREUD, S. (1919). Uma criança é espancada. In Standard das Obras Completas de Sigmund Freud vol.XVII. Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In Standard das Obras Completas de Sigmund Freud vol.XXI. Rio de Janeiro, Imago.

GADAMER, G.H. (1993) El problema de la conciencia histórica. Madrid, Tecnos.

HEIDEGGER, M. (1982). Ser e tempo. México, Fondo de Cultura Económica.

LAPLANCHE, J. (1992). La revolution copernicienne inachevéé. Paris, Aubier.

VIDERMAN, S. (1990). A construção do espaço analítico. São Paulo, Escuta.

*Contatos:* Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Faculdade de Psicologia  
Departamento de Psicologia Geral e Comportamental  
Rua Itambé, 145 – Prédio 16 – 1º andar  
Higienópolis – São Paulo – SP  
CEP: 01239-902  
E-mail: [psicoclinica@mackenzie.br](mailto:psicoclinica@mackenzie.br)